

INTRODUÇÃO À HISTÓRIA DO CRISTIANISMO DO SUL DO MEDITERRÂNEO NA PESQUISA DO NT

José Luiz Izidoro*

Resumo:

Faremos a tentativa de nos aproximarmos das experiências cristãs vivenciadas em sua pluralidade, em diversas geografias que extrapolam o âmbito da Palestina. Essa aproximação, não obstante a carência de fontes que primam este tema, dá-se segundo fontes obtidas desde a oralidade e escritos que manifestam tais experiências, por via bíblica, extrabíblica e de matizes histórico-geográficos. Nesse horizonte nos aproximaremos da história do Cristianismo do sul do Mediterrâneo na pesquisa do Novo Testamento.

Palavras-chave: *Geografia; Cristianismo africano; História; fronteira étnica; identidade.*

Introdução

Neste ensaio, faremos a tentativa de nos aproximarmos de fontes bíblicas, extrabíblicas e históricas que poderão ser representativas dentro do processo de cristianização da África e sua circunvizinhança. Porém, faz-se necessário apontar algumas dificuldades que se apresentam ao tratar o tema.

A contingência no tema

A fragmentação das informações e a hegemonização de uma leitura unidimensional dos **Atos dos Apóstolos**

* Doutorando em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (Umesp). Financiado pela Capes. Integrante do Grupo Oráculo de Pesquisa em Apocalíptica Judaica e Cristã.

Os escritos sagrados são reflexos de experiências vividas ao longo da história, presentes na memória individual e coletiva dos povos e culturas. Certamente, na memória das comunidades cristãs primitivas do século I ao III d.C., estariam presentes muitas e variadas experiências cristãs, que são contempladas mesmo como fragmentos na redação da literatura neotestamentária. O Cristianismo como doutrina já sistematizada é resultado de negociações posteriores a outros processos mais simples, cotidianos e plurais, vividos em seu início embrionário. Nos séculos II e III d.C. foram se impondo um modelo de Igreja e uma visão teológica; os outros modelos de experiências cristãs e visões teológicas foram desqualificados como heréticos ou simplesmente marginalizados. Segundo Philipp Vielhauer (VIELHAUER, 1991, p.811-9), com Ireneu tenta-se justificar teologicamente o cânon dos quatro evangelhos, porém, tardiamente, “a partir do século IV, estabeleceu-se uma definição mais sistematizada com a aplicação do termo *cânon*”.

Convém apontar algumas dificuldades com a historiografia no que concerne a seu *status* diante dos fatos ocorridos, isto é, a limitação presente no tratamento do tema relacionado com as *experiências cristãs no âmago da cultura africana*, no que se refere às suas fontes.

Martin Hengel (HENGEL, 1980, p.3) diz que

o problema básico para escrever uma história do Cristianismo primitivo está na fragmentação das fontes e no caminho como eles se serviram, isto é, na ausência e na escassez de fontes vitais ou de conhecimentos das áreas do mundo antigo. Outro problema está associado à natureza dos livros na antiguidade e à transmissão de textos antigos. Os escritos e reprodução dos livros eram, muitas vezes, como um negócio, assim como hoje. Não se tinha acesso a toda a literatura vetero-neotestamentária no período do Cristianismo primitivo no final do segundo século d.C., por isso as coleções das testemunhas, extratos e as memórias. O que nos chegam são abreviaturas com muitas dificuldades na transmissão.

Outro fator de suma importância para o acesso de fontes e documentações reside na diversidade da antiga prática historiográfica. Para Colin J. Hemer (HEMER, 2001, p.72), esse fenômeno está presente no processo de “seleção” dos escritos que corresponde a vários fatores. Para Hemer (HEMER, 2001, p.72), a

seleção é um fator indispensável para os escritos das narrativas, e os antigos não negam isto. Uma expressão disto é a escolha do tema ou período. Essa seleção pode ser influenciada pelo fator cultural, tradicional, militar ou pela história econômica e social. A seleção também pode ser controlada por padrões na avaliação de evidências.

Das tradições cristãs do Egito, África ou Meroé são escassas tais informações, enquanto muito se sabe sobre o cristianismo de Roma, Grécia, Ásia Menor e Síria. Carlos Mesters e Francisco Orofino (MESTERS; OROFINO, 1996, p.37) constataam as dificuldades de informações a respeito do segundo período do cristianismo:

Nossas informações sobre este segundo período vêm, sobretudo de Atos e das Cartas de Paulo. São informações boas, porém muito limitadas, pois falam somente sobre a atividade de Paulo e sobre a expansão das comunidades em Ásia Menor e em Grécia. Pouco ou nada informam sobre os outros missionários e missionárias e sobre as comunidades que, nesse mesmo período, se estendiam pelo norte da África, por Itália e por outras regiões, mencionadas por Lucas como presentes em Jerusalém no dia de Pentecostes. (Atos, 2, 9-10)

Helmut Köester (KÖESTER, 1988, p.742-4), ao tratar do cristianismo no Egito, reconhece a sua existência, porém ignora a possibilidade de informações ou testemunhas no período primitivo:

Desgraçadamente não existe nenhum testemunho sobre os começos do cristianismo no Egito, ainda que, sem dúvida, o trabalho missionário cristão alcançasse já Alexandria durante o século I de nossa era. Diante desta realidade o historiador deve tentar obter suas conclusões a partir de testemunhas tardias. Não se esclarece por que as notícias sobre a época primitiva do cristianismo no Egito são tão escassas, enquanto que as tradições cristãs de Síria, Ásia Menor e Grécia, ainda que incompletas, são suficientemente ricas e diversificadas...

A escassez de fontes de informações sobre o cristianismo primitivo em outros espaços geográficos, como o Egito, África, Meroé, é uma constante em outras vertentes de fenômenos socioculturais. Arminda Lozano (LOZANO, 2002, p.49-74) afirma que:

são raras as ocasiões nas quais as diferentes fontes de informações a nosso alcance mencionem a realidade e a autêntica situação dos camponeses que viviam distribuídos pelo território e aldeias da Ásia Menor. Esta precariedade de testemunhos se explica pela falta de interesse que a massa de população suscitava entre os historiadores antigos, atentos às realizações dos grandes personagens.

No que diz respeito ao episódio de conversão em **Atos 8: 26-40**, Maricel Mena López (LÓPEZ, 1997, p.112), ao citar Frank Snowden, afirma: “Gregório de Nissa dizia que o cristianismo chegou ao mundo fazendo-nos brancos e pretos, e que no reino dos céus os etíopes se tornariam brancos”.

Percebe-se, assim, uma interpretação do texto bíblico a partir de uma visão escatológica marcada pelo reducionismo da história, em que o querigma cristão se parcializa na subjetividade de determinados grupos. Em uma releitura posterior de **Atos 8: 26-40** desde a perspectiva acima mencionada, seria possível direcionar os leitores ou destinatários a afirmar um horizonte único para o cristianismo e, conseqüentemente, atender ao interesse de determinados setores.

No reducionismo exacerbado da concepção da história e seu revés, Yves Saoût (SAOÛT, 1991. p.132-3) destaca alguns fragmentos das ideias de Diodoro, Heródoto e Estrabão a respeito dos Etíopes (reino de Meroé). Segundo Heródoto (III, 20), “os etíopes são grandes e belos”; Estrabão apresenta-nos “um povo enérgico e competente”, já o historiador Diodoro da Sicília escreve, no tempo de Augusto, que “os habitantes do reino de Meroé têm o corpo sujo, as unhas muito compridas e a alma despida de sentimentos de humanidade”.

Dessa forma, nota-se, em Diodoro da Sicília, a negligência e o desinteresse em relatar a história imparcialmente. E, como representante da historiografia antiga, categoriza e estigmatiza as culturas e etnias com uma linguagem sumamente carregada de signos depreciativos e parcializada de acordo com os interesses de determinados seguimentos da sociedade, a partir de uma perspectiva reducionista da história e visando a um “único centro” da mesma. Contudo, na mesma historiografia antiga, apresentam-se interpretações dos fatos ou fenômenos socioculturais que concedem à história seu *status* de “alteridade e liberdade”.

Johanes Irmischer (IRMSCHER, 1965, p.545-7), ao citar os escritos “pseudoClementinos”, diz que se encontra uma construção de caracteres linguísticos que molduram a imagem do personagem “Simão” (o mago) como “contraste” com a criação de Deus e o testemunho da Boa Nova de Jesus.

Deus, no início, fez primeiro o Céu, depois a terra; como também o lado direito e o esquerdo. Ele também no curso do tempo estabeleceu 'os pares de oposição'. Com os homens isto não foi longe, ele inverteu os pares: primeiro o forte e depois o fraco. Com os homens nós encontramos a oposição; primeiro o fraco e então o forte. Assim, diretamente de Adão, que foi feito a imagem de Deus, surge a questão: o primeiro filho, o injusto, o incorreto Caim; e o segundo o correto, o justo Abel. No mesmo caminho do homem aparecem dois símbolos do Espírito, o 'não claro' e o 'claro'... onde se envia o corvo preto e depois a pomba branca.

Esse relato explicita, a partir da disposição da missão profética, a missão de Simão, o mago.

Os que temem a Deus conhecem seus segredos, eles nunca são capazes de ir por caminhos errados, e também eles conhecem a Simão, que agora confunde a todos, ele é apenas um amigo que ajuda os 'fracos do lado esquerdo de Deus' (alguém mau).

A prática de Simão, isto é, a sua desconcertante missão que, desde a criação, já estava estabelecida com os estigmas de “esquerda, não claro, preto, injusto, incorreto (Caim)” em oposição a “direita, claro, branco, correto, justo (Abel)”, encontra no Egito o “seu lugar” de germinação. Continuando, Johanes Irmscher (IRMSCHER, 1965, p.545-7) salienta que

O pai de Simão é chamado Antonius, sua mãe Rachel. Sua nacionalidade é a Samaria e veio para a vila de Gittha. Durante sua estada no Egito ele adquiriu uma longa medida da cultura grega e conseguiu um extenso conhecimento da magia e muita habilidade na mesma.

Constata-se a preocupação no relato pela distinção moral do bem e do mal, caracterizada pelos signos da linguagem que apontam a pessoa de Simão, cuja prática mágica deve-se à “sua estada no Egito”. Nessa perspectiva, reduz-se intencionalmente a possibilidade de inclusão de outras nações e povos no horizonte geográfico e missionário do Cristianismo primitivo, pretendendo-se, assim, manter a hegemonização de uma leitura unidimensional.

Gay L. Byron (BYRON, 2002, p.16-7), ao mencionar o apócrifo **Atos de Pedro** (180-190 d.C.), descreve Marcelo no diálogo com Pedro a respeito de um sonho caracterizado pela visão de uma mulher.

A mulher era negra, era como uma etíope e não como uma egípcia. Estava vestida de farrapos, dançava com um colar de ferro no pescoço e correntes em suas mãos e pés, e possuía todo o poder de Simão e de seu deus. Por outro lado Marcelo se identifica como senador e de nobre família, e que nunca manchou as mãos, tampouco matou um pássaro em algum tempo. Pedro começa a chorar aos gritos: vem, com a espada verdadeira, Jesus Cristo, e não apenas para cortar a cabeça desse demônio, mas para cortar em pedaços todos seus membros. Imediatamente, um homem parecido a Pedro, com a espada em mãos, corta todos seus membros em pedaços...

Segundo Byron (BYRON, 2002, p.17), a mulher é descrita por uma linguagem étnica e simbólica de cor, isto é, uma etíope e não uma egípcia, mas era negra. A mulher é descrita como uma dançarina com um colar de ferro no pescoço e correntes nos pés, e é usada para representar o inimigo de Pedro, isto é, Simão Mago. Ela é decapitada e totalmente desmembrada de seu corpo, na vista de outros. O autor usa a mulher em seu texto como uma imagem simbólica para comunicar certos valores sobre o Cristianismo primitivo, delineando claramente a identidade étnica da mulher, e esclarecendo a identidade com uma linguagem simbólica da cor.

Nota-se uma associação da mulher, desde uma linguagem étnica, de gênero e simbólica da cor, com a magia e o poder de Simão Mago. São categorias linguísticas utilizadas para a autodefinição do Cristianismo primitivo e do lugar dos grupos étnicos/gêneros no mundo greco-romano. São representações idealizadas dos mesmos grupos que responderão aos interesses hegemônicos em visualizar um único horizonte da experiência cristã em um período posterior, e da demonização na linguagem do pluralismo étnico, de gênero e racial presentes nas origens do Cristianismo.

Segundo Eduardo Hoornaert (HOORNAERT, 1992, p.21-6),

nos tempos remotos do Império Romano, muito antes da colonização de América Latina, já existia a 'Doutrina Comum' entre os cristãos sobre o negro e a escravidão. Juntamente às teorias filosóficas que provêm do mundo grego, da teologia patrística (Ambrósio, Agostinho, João Crisóstomo, Gregório Magno, Isidoro de Sevilha etc.), também a Bíblia foi utilizada para cumprir com os interesses dos setores dominantes.

Essa transgressão histórica é resultado de um cientificismo metodológico que, não obstante sua importância para as ciências, ignora por vezes aquelas fontes fundamentadas nas tradições e memórias dos povos e suas culturas. Para Peter Nash (NASH, 2002, p.8-9), numa leitura contemporânea desses fatos, pode-se dizer que

o papel dos africanos negros no antigo Oriente Próximo é frequentemente subestimado e mal entendido, por razões de ignorância quanto de malícia. A maioria de nossas imagens no Ocidente moderno vem pela forma como recebemos o Antigo Testamento ou as Escrituras hebraicas. Essas imagens, por sua vez, são mediadas pelos grandes mestres da arte europeia.

São interpretações da história que está submetida a ideologias, que justificam determinados interesses de grupos e pessoas em detrimento da veracidade dos fatos e dos fenômenos. Nash (NASH, 2002, p.8-9), citando Cain H. Felder (1991), diz que

a sacralização da cultura ocidental com todas as suas imagens e valores, incluindo seu racismo, tem-nos feito acreditar que a África teve pouco ou nenhum papel na história antiga da interação de Deus com o povo de Israel. Sendo assim, para a maioria de nós, a história começou com os gregos e os romanos, que são tidos como os progenitores diretos da civilização ocidental.

Referimo-nos às dificuldades, limitações, fragmentações das informações e hegemonização de uma leitura unidimensional da história, que são pertinentes ao corpo e à prática da historiografia antiga no contexto do Cristianismo primitivo e que continuam presentes na historiografia contemporânea. Contudo, não obstante a contingência no tema e a carência de fontes históricas, existem contribuições literárias, que a seguir mencionaremos, que poderão fortalecer as convicções da inclusão do Cristianismo primitivo em geografias diversificadas e plurais.

Possíveis contribuições exegéticas e literárias para uma aproximação à história do Cristianismo primitivo a partir de **Atos dos Apóstolos**

Comprova-se consideravelmente a existência de bibliografias que

contemplam seriamente o respectivo tema em uma perspectiva exegética, incluindo o uso das ciências sociais.

Helmut Köester, com sua obra **Introducción al Nuevo Testamento**, oferece-nos um grande cabedal de elementos históricos e literários relacionados ao contexto do Cristianismo primitivo. Köester (KÖESTER, 1988, p.495-741), no que se refere às fontes para a história do Cristianismo primitivo, apresenta uma ampla lista de escritos não-canônicos do Cristianismo primitivo e indícios dos inícios do Cristianismo no Egito.

Werner Georg Kümmel (KÜMMEL, 1982, p.189-240), na 17a. edição de sua obra mais conhecida, situa **Atos dos Apóstolos** como a segunda parte do trabalho histórico de Lucas, tratando de suas peculiaridades literárias e analisando exegeticamente os textos, a fim de possibilitar uma aproximação sistematizada e científica, a partir de seu vasto conhecimento.

Gerhard A. Krodel (KRODEL, 1986, p.71 e 166), ao comentar **Atos dos Apóstolos**, recupera elementos como a geografia presente no acontecimento de Pentecostes na lista dos povos. Krodel percorre em **Atos dos Apóstolos** o capítulo 8: 26-40, oferecendo pautas para uma minuciosa exegese de todo o conjunto da perícope.

Joseph Rius-Camps (RIUS-CAMPS, 1989, p.47) tenta reconstruir a gênese da Igreja cristã percorrendo o itinerário de Jerusalém a Antioquia, passando por determinados lugares e acontecimentos que muito influenciaram na expansão do Cristianismo primitivo, situando a perícope de **Atos 8: 26-40** no horizonte do anúncio do Messias.

Jürgen Roloff (ROLOFF, 1984, p.195) comenta exegeticamente a presença de Filipe em Samaria (**Atos 8: 5-25**), mostrando o caráter etiológico da narrativa, em que se destaca a presença de Simão, o mago, e a itinerância da missão. Logo em seguida, em continuidade literária com o bloco anterior, Roloff apresenta o comentário exegético da perícope **Atos 8: 26-40**, aproximando-se do personagem “o Etíope eunuco” por intermédio da geografia imaginária e dos aspectos históricos presentes na narrativa, indicando a expansão do Cristianismo que ultrapassa as fronteiras estabelecidas.

Philipp Vielhauer (VIELHAUER, 1991, p.397 e 637) apresenta uma ampla obra, na qual **Atos dos Apóstolos** é analisado exegeticamente como parte do conjunto dos escritos neotestamentários em que se incluem os “escritos não-canônicos”.

Colin J. Hemer (HEMER, 2001, p.66-70), ao tratar da “historiografia antiga”, aponta vários elementos para a compreensão do caráter seletivo dos escritos do Cristianismo primitivo. Para Hemer, existem diversidades de práticas na historiografia antiga, nas quais se encontram a seleção dos escritos e os respectivos fatores que determinarão a escolha.

Ives Saouët (SAOÛY, 1991, p.114-5), visualiza o personagem do Etíope da perícopos **Atos 8: 26-40** a partir do seu lugar socioantropológico, isto é, desde a África.

Constatamos que as dificuldades que se apresentam e a fragmentação das fontes para a pesquisa do Cristianismo primitivo africano fazem-nos buscar na própria construção redacional da narrativa, nos dados obtidos em matizes históricos, bíblico-exegéticos e extrabíblicos, informações que nos aproximarão à África no período germinal do cristianismo. E assim, colocamo-nos o desafio de tentar reconstruir, a partir dessas fontes, o “Cristianismo etíope”.

A presença de dados bíblicos, extrabíblicos, históricos e as experiências cristãs extrapalestineses no contexto do Cristianismo primitivo

Consideraremos algumas informações que nos aproximarão do Cristianismo primitivo e, certamente, da viabilidade de experiências diversificadas do Cristianismo primitivo, que perpassam as geografias tradicionalmente reconhecidas.

Verifica-se que “a Etiópia, como tal, não é mencionada no NT, há somente a referência a um Etíope na história do batismo de Filipe”¹. Para Robert Ouston Smith (SMITH, 1992, p.666), trata-se de um Etíope que é ‘um eunuco, um ministro de Candace, a rainha dos Etíopes’ (**Atos**, 8, 27). Não há dúvida sobre o fato de que a Etiópia tivesse contato com a Palestina no primeiro século d.C., e que Jerusalém ocasionalmente fosse visitada por Etíopes influenciados pela religião hebraica. O Cristianismo em Etiópia recebeu apoio evangelizador da corrente helenista de origem judaica, a qual estará presente em Antioquia (**Atos**, 11, 19), segundo o episódio narrado em **Atos 8: 26-40**.

Matizes bíblicos

Encontramos informações bíblicas no Novo Testamento a partir de algumas narrativas, entre elas **Atos 8: 26-40**; **Atos 13: 1**; **Mt 12: 42**; **Lc 11: 31**, que oferecem algumas informações de relevância sobre o imaginário

africano, considerando que **Mt** 12: 42; **Lc** 11: 31 utilizam fontes veterotestamentárias em alusão à Rainha de Sabá.

O relato de **Atos** 8, 26-40 aponta, na amplitude da obra “lucana” de **Atos dos Apóstolos**, a outros centros de irradiação do Cristianismo primitivo, desde outros povos, culturas e geografias. A perícopre apresenta o “anúncio da Boa Nova de Jesus” a partir do movimento de interação e intercâmbio entre as culturas, representado pelo Etíope eunuco e Filipe. O Etíope eunuco é apresentado como alguém que ocupa uma posição de relevância e responsabilidade junto à rainha de Candace; ademais, regressando de Jerusalém, viaja lendo o livro do profeta Isaías; e Filipe, “um dos sete”, escolhido pela assembleia dos doze em Jerusalém para “servir às mesas”, que, evangelizando em Samaria, é enviado a Gaza.

No caminho de regresso do Etíope eunuco à sua terra natal, está presente o início do Cristianismo em suas origens, vivenciado a partir do intercâmbio étnico-cultural efetivado no processo de interação com Filipe, no caminho de Jerusalém a Gaza.

Os Evangelhos sinóticos fazem referências explícitas a um certo homem de Cirene, chamado Simão (**Mt** 27, 32-3; **Mc** 15, 21; **Lc** 23, 26). O episódio narrado nos três Evangelhos determina a origem do personagem Simão numa cena de “seguimento a Jesus no caminho da cruz”. Marcos, em seus detalhes, informa-nos, além da origem de Simão, a presença de seus dois filhos, Alexandre e Rufo. O segundo nome reaparecerá na comunidade cristã de Roma (**Rm**, 16, 13).

Cirene² aparecerá na geografia “lucana” do Pentecostes (**Atos**, 2, 10), como também os cireneus estarão presentes juntos aos Alexandrinos como partes da “sinagoga dos libertos” (**Atos**, 6, 9). No movimento das diásporas, existe uma íntima aproximação da comunidade judaica do Egito com a cidade de Cirene. Talvez essa realidade possibilitasse a mobilização do Cristianismo primitivo em ambas as geografias. Helmut Köester (KÖESTER, 1988, p.282) afirma que “no século II a.C. chegaram do Egito emigrantes judeus a Cirene, onde surgiu uma importante comunidade”. Os cireneus estavam presentes entre os fundadores da Igreja de Antioquia. **Atos** 11: 20 os apresentam como aqueles que anunciarão a Boa Nova de Jesus aos gregos e, logo em seguida, destacar-se-ão na mesma Igreja local na pessoa de Lúcio de Cirene, junto a Simeão, cognominado Níger, Barnabé, Manaém e Saulo (**Atos**, 13, 1).

Matizes extrabíblicos

Faz-se mister apontar, além das aproximações bíblicas já enfocadas, outras fontes documentárias históricas e extrabíblicas que manterão certa relação com as geografias e literaturas próximas à África e ao horizonte da recepção do querigma cristão. São informações que, mais ou menos situadas no horizonte do século I ao III d.C., ajudarão a nos aproximar com mais plausibilidade das experiências cristãs na África, no período do Cristianismo primitivo.

A história do Cristianismo primitivo não se pode fundamentar somente nos “fatos empiricamente comprováveis” de acordo com a rigidez dos métodos científicos. Também se faz importante tomarmos consciência da profundidade e da importância da fluidez e flexibilidade que coexistem no processo de comunicação e interação sociocultural entre os povos e culturas. O processo de interação torna-se dinâmico e progressivo. É o processo pelo qual as culturas vivem em recíproca interação sociocultural. Aqui se exige uma compreensão do conceito de história como uma narrativa de sucessos que não necessariamente estejam fundamentados nos *fatos empiricamente comprovados*. Para Daniel Marguerat (MARGUERAT, 2003, p.18),

A historiografia, pois, não é descritiva, mas reconstrutiva. Ela não alinha os fatos nus, mas unicamente unifica fatos interpretados em função de uma lógica estabelecida pelo historiador. A veracidade, pois, da história não depende da realidade em si, do acontecimento relatado; ela depende da interpretação que ele dá de uma realidade, sempre suscetível, em si, de uma pluralidade de opções interpretativas.

É nessa perspectiva, entre a rigidez e a fluidez da história, que situamos esse “grande leque de experiências cristãs no período do Cristianismo primitivo”.

Segundo Philipp Vielhauer (VIELHAUER, 1991, p.811), “o cristianismo primitivo produziu um grande caudal de literatura própria que serviu para propagar por diversas vias a fé cristã”. São experiências cristãs primitivas consideradas como células de um cristianismo germinal que, passando pela oralidade, irá fazer parte da vasta literatura intertestamentária.

Assim, consideramos, nesse vasto caudal da literatura cristã, as obras denominadas “apócrifas” e “gnósticas”³, que muito contribuem para uma aproximação às origens do Cristianismo primitivo.

Para Wilhelm Schneemelcher (SCHNEEMELCHER. **New Testament Apocrypha** V, I, 1991, p.9), “o conceito ‘Novo Testamento apócrifo’ é provavelmente formado por analogia ao ‘Velho Testamento apócrifo’”. Assim, para Schneemelcher, torna-se difícil definir exatamente o conceito do “Novo Testamento apócrifo”. Consequentemente, faz-se necessário distinguir este de outras formas, como um gênero especial da literatura em termos de forma e conteúdo, clarificando, portanto, os termos frequentemente usados sem exatidão. Dessa forma, continua Schneemelcher (SCHNEEMELCHER. **New Testament Apocrypha** V, I, 1991, p.51-61), não se pode definir o conceito “Novo Testamento apócrifo”, desde seu conteúdo, como escritos que não foram aceitáveis no cânon. Ambos são considerados trabalhos variados e heterogêneos. Porém, para uma melhor compreensão da literatura apócrifa neotestamentária, é importante manter a conexão entre esta e os listados no cânon. A ordem “*Evangelhos, Cartas, Atos dos Apóstolos e Apocalipse* não é uma organização apócrifa com craves canônicas, e sim uma hipótese de trabalho prático para facilitar a compreensão de tão complexa literatura”.

Não é a nossa intenção, nesta pesquisa, enveredar minuciosamente nos estudos da literatura apócrifo-gnóstica cristã. Optamos, assim, pela definição “escritos não-canônicos”, considerando a amplitude da literatura cristã primitiva.

Faremos breves referências, no entanto, a tais obras, não obedecendo a uma ordem rígida e uniforme das mesmas. Mencionaremos os blocos pelos quais se definem melhor os escritos considerados apócrifos-gnósticos, ou escritos não-canônicos.

Para Helmut Köester (KÖESTER, 1998, p.508-11), os escritos não-canônicos do Cristianismo primitivo distribuem-se nos escritos dos Padres apostólicos; nas coleções maniqueias e gnósticas; nos apócrifos e nos escassos testemunhos não-cristãos. Descrevendo com poucos detalhes os escritos não-canônicos, Köester (KÖESTER, 1998, p.508-11) faz as seguintes considerações: no que se refere aos *Padres apostólicos*, considera que, junto aos escritos canônicos neotestamentários, surgiram outros escritos e coleções de textos que compreendem, em parte, obras reconhecidas e utilizadas na Antiguidade por escritores eclesiásticos. Também partes dessas obras foram consideradas heréticas pela antiga Igreja. Entre os escritos que se aproximam aos últimos decênios do século I, e passando ao século II, encontram-se a primeira carta de Clemente, a Didaqué (que, a partir de 1883, começou a fazer parte das edições dos Padres apostólicos), talvez a carta de Barnabé, as cartas de Ignácio de

Antioquia, os fragmentos de Papias, a segunda carta de Clemente, uma parte da carta de Policarpo e o martírio de Policarpo e o pastor de Hermas.

Nas *Coleções maniqueias e gnósticas*, incluem-se grandes coleções de escritos, nas quais também estavam presentes obras canônicas e apócrifas em sua primeira coleção e, na segunda, a biblioteca de Nag Hammadi. Das *Coleções maniqueias*, conservaram-se, na Ásia central, numerosos fragmentos em turco, iraniano e chinês; como também no Alto Egito foi encontrada uma biblioteca maniqueia em língua copta. A obra dessas coleções que mais exerceu influência é a de “Atos apócrifos dos apóstolos” no ocidente. Em 1945, no Alto Egito (Nag Hammadi), foi descoberta uma *coleção gnóstica* de escritos. É uma biblioteca de treze volumes em copta, que são, em sua maioria, traduções de escritos gregos, muitos deles anteriores ou pertencentes ao século II d.C.

A totalidade do *corpus apócrifo* neotestamentário forma uma coleção de escritos do Cristianismo primitivo, que foi recopilada após a Idade Moderna e chegou até nós por caminhos diversificados e, às vezes, de forma fragmentada, apesar de alguns fragmentos já terem sido citados pelos Padres da Igreja. Presumivelmente, os escritos apócrifos situam-se entre o final do século I d.C. e o século II d.C. Sendo assim, por se situarem no início do Cristianismo, os escritos apócrifos neotestamentários constituem uma importante fonte aos escritos canônicos para a história do Cristianismo primitivo. Eles nos proporcionam uma visão muito mais ampla das tradições do nascimento do Cristianismo e nos permitem uma grande variedade na perspectiva da teologia cristã em seu período primitivo.

Quanto aos *testemunhos não-cristãos* do início do Cristianismo, continua Köester (KÖESTER, 1998, p.509-11), são escassas as fontes. Encontramos algo sobre Jesus no historiador judeu *Flávio Josefo* (*Ant.*, 18, 63). Os primeiros testemunhos romanos procedem de *Suetônio* e *Tácito*. Suetônio (*Vita Claudii*, 25, 4) apresenta uma notícia a respeito da expulsão dos judeus de Roma, na época do reinado de Cláudio. A possibilidade de que se tratara dos “cristãos” fica em aberto. Tácito (*Annales*, 15, 44, p.2-8) faz referência mais detalhada aos cristãos que foram julgados por Nero de maneira cruel, devido a seu ódio à humanidade. *Diôn Casio* (*Epítome*, 67, 14) faz referência à perseguição de cristãos no período de Domiciano, relatada na primeira carta de Clemente. Plínio, o Jovem (112 d.C., governador de Bitínia em Ásia Menor), em uma carta ao imperador Trajano, pedia conselho de como tratar e proceder contra os cristãos, pois “os cristãos se reuniam em determinados dias, adoravam a Cristo, se comprometiam e depois se encontravam para celebrar uma comida

comum”. Escritores pagãos como *Luciano de Samosata* (livro sobre o pseudopofeta Alexandre) e o imperador *Marco Aurélio (Meditações)* situam-se a partir do século II d.C., com notícias sobre o Cristianismo.

Uma alta estima e consideração existia no Cristianismo primitivo a respeito da Primeira Carta de Clemente. Para Philipp Vielhauer (VIELHAUER, 1991, p.548), isso está presente, sobretudo, “no fato de que ela fosse temporalmente uma parte integrante do cânon neotestamentário nas igrejas egípcias e siríacas”.

Convém mencionar que não existe unanimidade entre os autores a respeito do lugar da composição da carta de Barnabé. Existem ainda muitas discussões a respeito do tema. Contudo, segundo Vielhauer (VIELHAUER, 1991, p.548), “se propõem a Alexandria, pelo método exegetico que emprega o autor e que evoca a Filón, como a afirmação de 9: 6 de que ‘estão circuncidados todos os sírios, árabes e todos os sacerdotes dos ídolos’, assim como os egípcios”.

Os escritos apócrifos como o “O Evangelho dos Egípcios” e o “Evangelho dos Hebreus” apontam o Egito como o “lugar de sua origem”. Vielhauer (VIELHAUER, 1991, p.548), citando W. Bauer, diz que este “realçou a probabilidade de que as duas designações (Evangelho dos Hebreus e Evangelho dos Egípcios) estiveram destinadas a diferenciar os evangelhos de duas comunidades que viviam num mesmo âmbito (Egito); o Evangelho dos Egípcios seria o evangelho dos cristãos egípcios; o Evangelho dos Hebreus seria o evangelho dos judeus-cristãos do mesmo país. Se o Evangelho dos Hebreus recebeu esta denominação no Egito, é possível que, além do âmbito de uso, o Egito fosse também o lugar de origem do livro”.

O que nos interessa em relação à biblioteca de Nag Hammadi é a constatação da presença dessas literaturas em geografias tão próximas às terras africanas, isto é, no Egito. É edificante a suposição de Vielhauer (VIELHAUER, 1991, p.650), citando W. Bauer, em apontar o Egito no século II d.C. como receptor do Evangelho de Tomé.

Os dados da tradição fazem supor que o Evangelho de Tomé se escreveu a meados do século II d.C. em Síria oriental; que chegou ao Egito no mesmo século e foi traduzido ali no século III; e que encontrou uma grande acolhida e alcançou uma grande difusão.

Essa suposição torna-se fundamental e é confirmada pelas descobertas dos treze códices coptos em 1945, em Nag Hammadi (Alto Egito). Jorge

Pixley (PIXLEY, 1998, p.8), referindo-se ao Egito, diz: “Egito, o mais misterioso de todos os lugares onde se estendeu o movimento de Jesus. Egito dual, helênico e copta, com um cristianismo também dual”.

A literatura de cunho cristão que se desenvolveu no contexto da historiografia neotestamentária torna plausível uma aproximação às experiências cristãs no contexto do Cristianismo primitivo, amplamente variadas em seu “significado” no âmbito vivencial e interpretativo, e plural em seu caráter étnico-geográfico.

c. Matizes históricos

A existência do cristianismo como uma experiência mais ou menos sistematizada encontrá-la-emos atestada por muitos historiadores a partir dos séculos II e III. Porém, encontramos o cristianismo como uma experiência germinal desde o início da “divulgação da Boa Nova”, isto é, em meados do século I. Essa possibilidade, de antemão, Marcel Simon e André Benoit (SIMON; BENOIT, 1987, p.114) a confirmam, quando dizem que

embora não seja impossível que certas regiões mais ocidentais como o litoral mediterrâneo da Gália ou, com maior probabilidade, Cartago e a costa setentrional da África, tivessem recebido missionários cristãos antes de encerrar-se o século I, a existência de Igrejas na Gália e na África só é atestada na segunda metade do século II.

Em relação a uma cronologia posterior ao século II d.C., Simon e Benoit (SIMON; BENOIT, 1987, p.116-7) determinam que

no sínodo provincial de Elvira, reunido nos primeiros anos do século IV, achavam-se representadas cerca de 40 dioceses ou comunidades. Cabia, contudo, às províncias da África do Norte a supremacia no Ocidente, tanto pela proporção de cristãos quanto pelo elevado número de dioceses, destacando-se a Proconsular e a Numídia: em 240, um sínodo africano reuniu 90 bispos. Também a primeira teologia ocidental de expressão latina surgiu na África, precisamente em Cartago, na passagem do século II ao III (Tertuliano; Cipriano, bispo de Cartago).

Cronologicamente, partes dessas literaturas estão situadas no início ou meados do século II ou III d.C. Porém, num movimento diacrônico,

esses dados nos remetem aos períodos anteriores, isto é, aos primórdios do Cristianismo.

Segundo Edward Ullendorff (ULLENDORFF, 1968, p.22),

muito foram apreciadas aquelas formas de Judaísmo e Cristianismo que foram fundados no sul-ocidente de Arábia, onde não apenas eram imbuídos com uma marca das cerimônias orientais, mas com suas características semíticas, como as circunstâncias de seu desenvolvimento, como suas religiões, histórias e atmosfera emocional...

Tomás Kraft (KRAFT, 1998, p.172) oferece alguns dados da África durante o período de 138-220 d.C. aproximadamente, nos quais apresenta alguns centros dessa época e personagens destacados; entre eles, alguns mártires cristãos que, em uma cronologia relativamente próxima ao período germinal do cristianismo, apresentam fortes convicções e solidez. Entre os grandes centros dessa época, temos

Alexandria e Cartago, com grupos de mártires em ambos os lugares. Os personagens mais destacados da ortodoxia cristã, nessa época, são Agripa Castor, Panteno, Clemente Alexandrino, Orígenes e Tertuliano, em Cartago. Entre os heterodoxos, temos os marcionitas Apeles, em Alexandria; Hermógenes, em Cartago; e Quintilha da seita de Caio, também em Cartago. Entre as obras dessa época, encontram-se os grandes tratados de Tertuliano, Clemente de Alexandria e Orígenes.

Para John Baur (BAUR, 2002, p.21),

Houve muitos outros mártires africanos nesses tempos iniciais, sendo famosas entre eles duas mulheres, Felicidade e Perpétua, mencionadas no cânon romano de missa. Felicidade era uma jovem escrava africana que trouxe para a fé a sua senhora Perpétua. A narrativa, com os seus numerosos nomes originais africanos, dá credibilidade à tese de que, na África, como em outros lugares, o Cristianismo originariamente se sentia mais à vontade entre as classes baixas da sociedade, embora mais tarde a igreja oficial tenha estabelecido as suas fortalezas entre a gente rica.

Observamos que, na historiografia primitiva, é considerável e fundamental a presença de escolas e personagens que propiciaram, num horizonte mais amplo do Cristianismo (século II e III d.C.), escritos, relatos e testemunhos que expressaram o pensamento e a cosmovisão de experiências cristãs vivenciadas ao longo da história e de distintas geografias, não obstante seu caráter apologético. Alguns figuram na “lista dos Padres da Igreja” e outros estão presentes na memória da história da literatura cristã primitiva. Segundo Johannes Quasten (QUASTEN. **Patrologia I**, 1968, p.317-426), no *Egito*, foi significativa a “Escola de Alexandria”, assim como também personagens como “Clemente de Alexandria, Orígenes, Dionísio de Alexandria, Pierio, Pedro de Alexandria, Hesíquio, entre outros”. Para Quasten (QUASTEN. **Patrologia I**, 1968, 544-702), na *África cristã*, “o mais antigo documento latino de que se tem notícia corresponde às ‘Atas dos mártires Scilitanos’; assim como se destacam os personagens Tertuliano, Cipriano, Arnóbio e Lactâncio”. Segundo Quasten (QUASTEN. **Patrologia II**, 1973, 10-16), “na *Líbia*, encontra-se Arrio (256-336), formado em Antioquia e destinado a Alexandria”.

Assim, emergem pistas que poderão nos aproximar da geografia africana e sua circunvizinhança no período do Cristianismo primitivo e sugerem a presença do Cristianismo em tempos mais remotos também em Etiópia, elucidado no relato de **Atos 8**: 26-40.

Experiências cristãs extrapalestineses no contexto do Cristianismo primitivo

Desde tempos remotos, o Cristianismo esteve presente, significativamente, em muitos dos ambientes extrapalestineses e, certamente, na África. Robert Houston Smith (SMITH, 1992, p.290) diz que o Cristianismo esteve presente nessas regiões com uma “imagem mais diversificada do Cristianismo primitivo, em cujo seio havia múltiplas correntes e tendências bem pouco diferenciadas entre si, compondo um grande leque”; do qual os extremos, posteriormente seriam a ortodoxia e a heresia. Convém considerar que o Cristianismo primitivo, em seus inícios, por seu caráter pluralista e sincrético, certamente não apresentava uma estrutura já consolidada das categorias “heterodoxia e ortodoxia”. Philipp Vielhauer (VIELHAUER, 1991, p.806), mencionando a Papias e Hegesipo, diz que

ambos lutaram contra o gnosticismo, em uma época na qual não existiam instituições reconhecidas ou documentos admitidos por todos como notas

ecclesiae e em que estas coisas – estrutura comunitária, episcopado monárquico, regras do cânon – achavam-se em estado incipiente.

Em um primeiro momento do Cristianismo primitivo, encontramos os testemunhos daqueles e daquelas que estiveram reunidos com Jesus Cristo. Posteriormente, a partir da segunda geração de discípulos e discípulas, encontramos os grupos que expandiram o Cristianismo a partir do querigma pascoal anunciado. Na comunidade cristã primitiva, Jesus, conhecido como “aquele que anunciava e dava seu testemunho”, isto é, o portador da mensagem, passa a ser “anunciado” agora como “Boa nova” (Evangelho). Segundo Rudolf Bultmann (BULTMANN, 2004, p.74),

conforme mostra a tradição sinótica, a comunidade primitiva retomou a pregação de Jesus e continuou a anunciá-la. E na medida em que o fez, Jesus tornou-se para ela o mestre e profeta. Mas ele é mais: é, ao mesmo tempo, o Messias; e assim ela passa a anunciar – e isso é o decisivo – simultaneamente a ele mesmo.

O Cristianismo, desde o seu início, empreendeu grandes esforços individuais e coletivos para estabelecer, talvez, um possível perfil de Jesus que catalisasse as diversidades e as expectativas messiânicas. **Lc 1: 1** é enfático em apontar as tentativas e “variedades” de escritos existentes para narrar “os fatos que se cumpriram entre nós”.

Para Jacir de Freitas Faria (FARIA, 2003, p.10-1), a partir desse esforço coletivo para traçar o perfil do mestre, surgiram vários cristianismos, isto é, vários modos de interpretar Jesus. Do

cristianismo dos ditos de Jesus (Q); passando pelo cristianismo da cura e do caminho de Marcos; pelo cristianismo do Jesus Filho de Deus, Messias e seguidor do judaísmo de Mateus; o cristianismo da salvação para judeus e não-judeus de Lucas; o cristianismo do discurso teológico elaborado e dos sinais de João; o cristianismo do Jesus ressuscitado e glorioso de Paulo; entre outros cristianismos; até o cristianismo gnóstico, que mostra Jesus, o ressuscitado que traz a salvação (Tomé, Maria Madalena, Filipe).

Ivone Richter Reimer (REIMER, 1996, p.44), ao se referir à diversidade de matizes no Cristianismo primitivo, diz que “este não é unísono; sua harmonia muitas vezes está desafinada”. Para Reimer (REIMER, 1996,

p.44), há muitos problemas referentes às diversidades culturais e sociais das pessoas que creem em Jesus como o Messias judeu esperado, como também em relação às expectativas das pessoas que a ele seguem. Há problemas de gênero, encontrados a partir da vivência de fé e das afirmações contraditórias dentro dos escritos neotestamentários.

Das origens do Cristianismo em Jerusalém (**Atos**, 1, 12-8, 1a) e Antioquia (11, 19 ss.), dispomos das fontes de **Atos dos Apóstolos**, embora Lucas nos ofereça em seus relatos não só esquemas históricos como também teológicos.

No horizonte de **Atos dos Apóstolos**, podemos observar outras vertentes de irradiação do Cristianismo primitivo. Os helenistas, a partir da dispersão (**Atos**, 8, 1b ss.), colocam-se no horizonte de **Atos** 1: 8, isto é, a missão cristã de Jerusalém, passando pela Judeia, Samaria, até os confins da terra, com o deslocamento de Filipe ao sul, pelo “caminho de Gaza”, ao encontro com o “Etiope eunuco”. Também em Damasco poderíamos estabelecer um elo de ligação com o cristianismo de Ananias e a missão gentílica de Paulo (**Atos**, 9, 10a.15). Na Selêucia, Chipre, Panfilia, Antioquia da Psídia, Icônio, Síria, Cilícia, Derbe, Lистра, Frígia, Galácia, Trôade, Filipos, Tessalônica, Bereia, Atenas, Corinto, Éfeso, Cesareia, Roma, etc., poderíamos considerar a presença de núcleos ou pequenas comunidades cristãs que, no contexto neotestamentário, apontariam a outras fronteiras étnicas e geográficas.

Archibald Mulford Woodruff (WOODRUFF, 1996, p.78-9) aponta as experiências cristãs que existiam antes do auge da atividade de Paulo, isto é, a Igreja Síria Oriental e a Igreja Síria Ocidental, ou seja, a Igreja Antioqueña. Woodruff (WOODRUFF, 1996, p.78-9) oferece algumas características elementares dessas duas Igrejas no âmbito do cristianismo pré-paulino:

A igreja de Síria oriental é conhecida a partir de sua produção literária e história posterior; por sua ética exigente e cristologia sapiencial. Praticava-se o Batismo e a Santa Ceia. A geografia nos permite imaginar que, nos tempos do contato de Paulo com essa igreja, ela estava em contato com o mesmo grupo que produziu a fonte Q, especialmente na Arábia. A igreja de Antioquia é conhecida por sua liberdade concernente à lei, à conversão de gentios, ao querigma da morte e da ressurreição de Jesus, ao tema apocalíptico do futuro triunfo de Deus e a autoconsciência do grupo.

Em relação à Arábia, Jerome Murphy-O'Connor (O'CONNOR, 1993, p.737), aludindo a **Gal** 1: 17 e sua localização geográfica, diz que o

*itinerário Paulino (Damasco – Arábia – Damasco) pode indicar que no início Paulo estava convencido de que sua missão era para os Gentios, sem, portanto, querer prolongar a permanência de sua missão nesse território. É possível que a missão paulina estivesse fortemente impregnada pelas tradições cristãs que se estabeleceram em vários centros étnico-geográficos em um período muito próximo à ressurreição de Jesus Cristo, e que eles muito influenciaram no percurso da missão itinerante de Paulo e na pré-paulina (**Atos**, 26, 22-3; **1Co**, 1, 13-7; 1, 24; 9, 19-20; **Gal**, 1, 17; etc.).*

Nessa amplitude, Jorge Pixley (PIXLEY, 1998, p.7) nos diz que *há milhões de cristãos cujas igrejas se remontam aos primeiros séculos... Estão as igrejas coptas de Egito e de Etiópia que foram declaradas heréticas como 'monofisitas' nas discussões cristológicas dos séculos cinco e seis. Estão as igrejas orientais de tradições tomasina como a 'Mar Thoma' na Índia, uma zona cristianizada em tempos remotíssimos que nunca conheceu a dominação romana e que não foi declarada herética pelos bispos aliados dos imperadores, porque estes nem sequer sabiam de sua existência. Um exame do primeiro século da expansão do movimento de Jesus deve dar-nos tolerância até a diversidade que logo se negou em benefício da unidade religiosa que requeria um império em decomposição.*

Nessa tentativa de aproximação ao cristianismo etíope, Tomas Kraft (KRAFT, 1998, p.178-82) nos oferece alguns dados da igreja de África, em sua tentativa de reconstruir o rosto original da igreja primitiva. O autor considera, em síntese, que

no continente africano o cristianismo esteve marcado por um pluralismo em nível doutrinal-cúltico. Há evidência documentária direta e indireta de presenças cristãs e gnóstico-cristãs no continente africano no período investigado, onde consta um elevado nível de contato e vínculos pessoais e documentários entre o cristianismo nascente em África e o de outros pontos do Mediterrâneo. É um cristianismo fortemente sapiencial pelo seu estilo literário e ênfase

na questão ética. A situação social das primeiras comunidades cristãs em África, não obstante a provável presença de algumas pessoas pudentes, parece estar marcada por gente pobre, por uma valorização do trabalho manual ou artesanal e pela solidariedade comunitária.

Considerações

A nossa intenção, ao tratar do tema aqui apresentado, foi a de aproximarmos-nos à história da literatura cristã primitiva, procurando incluir a história do Cristianismo do sul do Mediterrâneo na pesquisa do NT, não obstante as fragmentações das informações diante da escassez de fontes e também pela hegemonização de uma leitura unidimensional dos **Atos dos Apóstolos** presente no âmbito da literatura cristã.

Assim, mesmo com a contingência do tema, foi-nos possível uma aproximação às fontes bibliográficas antigas e modernas, fontes bíblicas, extrabíblicas e históricas que apontam ou sugerem a presença de experiências cristãs nas diversidades étnicas e culturais da geografia africana e sua circunvizinhança, no período do Cristianismo primitivo.

Essa multiformidade de Cristianismos se entrelaça em suas fronteiras étnicas e geográficas, confluindo, assim, nas diversidades de identidades que vão se formando a partir de seu processo de interação e alteridade, considerando a dinamicidade e a fluidez das fronteiras étnicas demarcadas no processo inter-relacional. Segundo Philippe Poutignat e Joselyne Streiff-Fenart (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998, p.11), é Fredrik Barth (1969) que “substitui uma concepção estática da identidade étnica por uma concepção dinâmica”. Denys CuChe (CUCHE, 1999, p.201), ao citar Barth (1969), afirma que “as ‘fronteiras’ não são imutáveis. Todas as fronteiras são concebidas como uma demarcação social suscetível de ser constantemente renovada pelas trocas”.

As experiências cristãs vivenciadas nos primórdios do Cristianismo, na amplitude das fronteiras geográficas, vão se constituindo a partir das raízes socioculturais e religiosas das diversas nações, etnias e culturas, em sua dinâmica de interação e, assim, forjando as identidades. Em uma linguagem contemporânea, segundo Zakeu A. Zengo (ZENGO, 2005, p.11),

não obstante a impressão fabricada pela teologia tradicional, que se negou a reconhecer o retrato africano desse cristianismo, existente desde a era apostólica, os africanos se abrem à experiência evangélica como experiência inteiramente acessível nos moldes da própria espiritualidade peculiar ao seu povo.

INTRODUCTION AT THE HISTORY OF SOUTH MEDITERRANEAN CHRISTIANITY IN THE NEW TESTAMENT RESEARCH

***Abstract:** We shall try to approximate of the Christian experiences lived in its plurality and in different geographical contexts which go beyond Palestine. This approximation doesn't exhaust the sources which reveal the experiences obtained through oral narration and writings from Biblical, extra-biblical and geo-historical sources. In this horizon, we shall approximate the history of south Mediterranean Christianity in the New Testament research.*

***Key Words:** Geography; African Christianity - History; ethnic-boundaries; identity.*

Documentação escrita

Bíblia – Tradução Ecumênica. São Paulo: Loyola, 1995.

Bíblia de América. Madri/Salamanca/Estella: Sígueme/Verbo Divino, 1994.

Bíblia de Jerusalém. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

Bíblia Sagrada. Trad. João Ferreira de Almeida. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

OTERO, A. S. **Los Evangelios Apócrifos.** Biblioteca de Autores Cristianos. Madrid: La Editorial Católica, S.A., 1963.

QUASTEN, J. Patrologia I. *In:* **Biblioteca de Autores Cristianos.** Madrid: La Editorial Católica, S. A., 1968.

_____. Patrologia II. *In:* **Biblioteca de Autores Cristianos.** Madrid: La Editorial Católica, S. A., 1973.

SCHNEEMELCHER, W. **New Testament Apocrypha.** Volume one. Philadelphia/ Great Britain: Westminster / John Knox Press, James Clarke & Co., 1991.

VV. AA. (Introdução e notas explicativas de FRANGIOTTI, R.). **Padres Apostólicos.** São Paulo: Paulus, 1995.

Dicionários e enciclopédias

DANKER, F. W. **A Greek-English Lexicon of the New Testament and other Early Christian Literature**. Chicago /London: The University of Chicago Press, 2000.

MCKENZIE, J. L. **Dicionário Bíblico**. Trad. Álvaro Cunha. São Paulo: Paulus, 1978.

VV. AA. **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2000, v.1.

_____. **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1998.

Referências bibliográficas

BAUR, J. **2000 anos de Cristianismo em África: uma história da Igreja Africana**. Lisboa: Ed. Paulinas, 2002.

BULTMANN, R. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Editora Teológica, 2004.

BYRON, G. L. **Symbolic Blackness and Ethnic Difference in Early Christian Literature**. London and New York: Routledge, 2002.

CROATTO, J. S. **Historia de Salvación: La experiencia religiosa del pueblo de Dios**. Estella: Verbo Divino, 1995.

CUCHE, D. **A noção de cultura nas Ciências Sociais**. Bauru: Edusc, 1999.

FARIA, J. F. **As origens apócrifas do Cristianismo: comentário aos Evangelhos de Maria Madalena e Tomé**. São Paulo: Paulinas, 2003.

HEMER, C. J. **The Book of Acts in the Setting of Hellenistic History**. Indiana: Eisenbrauns / Winoma Lake, 2001.

HENGEL, M. **Acts and the History of Earliest Christianity**. Philadelphia: Fortress Press, 1980, p. 3-98.

HOORNAERT, E. El Negro y la Biblia: Un clamor de justicia. *In*: ARAÚJO, L. C. (Ed.) **Centro Cultural Afro-Ecuatoriano**. Ediciones Afro América, 1992, p. 21-6.

_____. Odessa y la frontera oriental. **Revista de Interpretación Bíblica Latino Americana (Ribla)**, n.29, p.44-58, 1998.

IRMSCHER, J. The Pseudo-Clementines. **New Testament Apocrypha**. (Ed. Wilhelm Schneemelcher), v.2, p. 544-7, 1965.

KÖESTER, H. **Introducción al Nuevo testamento**. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1988.

KRAFT, T. La Iglesia primitiva en África. **Revista de Interpretación Bíblica Latino Americana (Ribla)**, n.29 , p.155-82, 1998.

KRODEL, G. A. **Commentary on the New Testament** – Acts. Minneapolis: Augsburg Publishing House, 1986.

KÜMMEL, W. G. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Paulus, 1982.

LÓPEZ, M. M. **Proselitismo etíope**: uma proposta de leitura a partir de Atos 8,26-40. Dissertação de Mestrado. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 1997.

LOZANO, A. Las Ciudades Griegas de fundación Seleúcida en Asia Menor: sus repercusiones territoriales y las relaciones establecidas con las Poblaciones Autóctonas. **PHOÏNIX**, Rio de Janeiro, n.8, p.49-74, 2002.

MARGUERAT, D. **A primeira história do Cristianismo**: os Atos dos Apóstolos. São Paulo: Edições Loyola / Ed. Paulus, 2003.

MESTERS, C. ; OROFINO, F. Las primeras comunidades cristianas dentro de la coyuntura de la época. Las etapas de la historia del año 30 al año 70 d.C. **Revista de Interpretación Bíblica Latino Americana (Ribla)**, n.22, p.32-42, 1996.

NASH, P. T. O papel dos africanos negros na história do povo de Deus. **Estudos Teológicos**, v.42, n.1, v.1-27, 2002.

NASH, P. **Reading Race, Reaning the Bible**. Minneapolis: Fortress Press, 2003.

O'CONNOR, J. M. Paul in Arabia. **The Catholic Biblical Quarterly**, v.55, n.4, p.732-7, October, 1993.

PIXLEY, J. **Historia sagrada** - Historia popular. Historia de Israel desde los pobres. São José: (DEI), CIEETS,1989.

POUTIGNAT, P. ; STREIFF-FENART, J. **Teorias da etnicidade**. Seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: Unesp, 1998.

REIMER, I. R. Recordar, transmitir, actuar: mujeres en los comienzos del cristianismo. **Revista de Interpretación Bíblica Latino Americana (Ribla)**, n. 22, p.44, 1996.

RIUS-CAMPS, J. **De Jerusalén a Antioquia**. Génesis de la Iglesia Cristiana: Comentario lingüística exegético a Hch.1-12. Córdoba: Ediciones El Almendro, 1989.

ROLOFF, J. **Hechos de los Apóstoles**. Madrid: Cristiandad, 1984, pp. 151-214.

SAOÛT, Y. **Atos dos Apóstolos**: ação libertadora. São Paulo: Edições Paulinas, 1991, p.111-34.

SIMON, M. ; BENOIT, A. **Judaísmo e Cristianismo antigo**: de Antíoco Epifânio a Constantino. São Paulo: Edusp, 1987.

SMITH, R. H. Ethiopia. In: FREEDMAN, D. N. (Ed.) **The Anchor Bible Dictionary**. Doubleday, 1992, p.290.

ULLENFORFF, E. **Ethiopia and the Bible**. London: Oxford University Press, 1968.

VIELHAUER, P. **Historia de la Literatura Cristiana primitiva**. Salamanca: Sígueme, 1991.

VV. AA. El Negro y la Biblia: Un clamor de justicia. **Estudos Bíblicos**, n.17, 1988.

WEGNER, U. Os Evangelhos, Jesus, os escravos. **Estudos Bíblicos**, n.18, p.55-72, 1988.

WOODRUFF, A. M. La iglesia pré-paulina. **Revista de Interpretación Bíblica Latino Americana (Ribla)**, n.22, p.71-80, 1996.

ZENGO, Z. A. O Cristianismo Africano e suas repercussões teológicas contemporâneas. Disponível: http://www.zzenzo.hpg.ig.com.br/cristianismo_afro.htm. Acesso em 18 de Janeiro de 2005.

Notas

¹ (Atos, 8, 26-40): O *Etíope eunuco*: Consideramos, aqui, as opiniões de alguns autores, como John R. W. Stott (1994, p. 178) e Jürgen Roloff (1984, p. 192), que definem o Etíope como “um Negro Africano” ou “um Núbio procedente da região do Alto Nilo, ao sul do Egito”. Assim como Beverly Roberts Gaventa (1992, p. 667), “o nome geográfico ‘Etíope’ será um sinal para a audiência de Lucas. Este homem era de territórios do sul do Egito e estava conectado com o reino de Meroé, por meio da rainha, que tradicionalmente era chamada Candace”. As opiniões confirmam a procedência do Etíope como oriundo de Núbia, cuja capital era Meroé; ou da região do Alto Nilo, ao sul do Egito, em uma geografia que se ampliava etnicamente a outras nações nos arredores do grande Nilo. Pelo caminho de Gaza, chegar-se-ia ao Egito e, portanto, até o continente africano.

² MCKENZIE, 1978: “Cirene: capital da Cirenaica, na África setentrional (a atual Líbia)”.

³ SIMON; BENOIT, 1987, p.279: Gnosticismo: “como um movimento religioso não-cristão, provavelmente pré-cristão, que a princípio nada tivera a ver com o cristianismo, mas que para ele convergira no começo de nossa era, dando origem ao gnosticismo cristão. Por outro lado, o movimento mantivera uma existência própria, desaguando mais tarde no maniqueísmo”.